



“A GALINHA PINTADINHA E O GALO CARIJÓ”: PRÁTICAS QUE BUSCAM FIXAR NOÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Camila dos Santos Araújo – FURG¹
Simone Barreto Anadon – FURG²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo problematizar as práticas que podem estar significando de maneira muito particular as noções de gênero, masculino e feminino, no cotidiano da Educação Infantil. Para tal, busca-se como objeto de estudo, algumas das músicas presentes nos DVD’s “A Galinha Pintadinha e sua Turma” e “A Galinha Pintadinha 2”, procurando na análise destes discursos a tentativa de fixar sentidos de gênero. Para a realização deste estudo procuramos compreender gênero como categoria de análise das relações sociais entre os sexos. Identificamos nesse primeiro ensaio cantigas em que os discursos buscam regular os comportamentos masculinos e femininos partindo da oposição das funções e características de cada gênero. Ao dizer do masculino, ao elencar diversas características que consolidam o perfil do homem, reforça-se as características opostas como sendo femininas. O intuito deste ensaio é problematizar as músicas infantis como artefatos culturais que disseminam representações de gênero que interpelam as crianças diariamente.

Palavras – chave: Gênero, Educação Infantil, Feminino, Masculino.

Introdução:

Este trabalho tem como objetivo problematizar as práticas que podem estar significando de maneira muito particular as noções de gênero, masculino e feminino, no cotidiano da Educação Infantil. Para tanto, temos como foco de estudo as músicas consideradas infantis, por acreditar que estas disseminam discursos que demarcam lugares e papéis aos homens e as mulheres em nossa sociedade. A escolha das músicas, enquanto material de análise vem da ampla utilização destas nas escolas de Educação Infantil com as quais temos contato, uma como estagiária e a outra como supervisora de estágios curriculares na Educação Infantil.

Buscamos ponderar o objeto em estudo, fazendo uma revisão bibliográfica e tecendo inferências sobre algumas das músicas presentes nos DVD’s “A Galinha Pintadinha e sua Turma” e “A Galinha Pintadinha 2”, na busca de problematizar conteúdos que ali expressam posições e comportamentos que fixem sentidos de gênero. A escolha dos DVD’s supracitados deve-se a sua ampla divulgação e facilidade de acesso através da internet. Pressupomos que as

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura – Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – milacat2005@yahoo.com.br

² Doutoranda do Programa de Pós – Graduação de Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Professora efetiva da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – simoanadon@hotmail.com

crianças não tenham contato com esse artefato apenas nas escolas, mas em diversos espaços, já que os pais podem fazer *download* do conteúdo dos mesmos e a mídia televisiva também faz massiva propaganda desses DVD's infantis. Nos últimos meses a Galinha Pintadinha tem sido figura constante nos programas televisivos em várias emissoras de TV em canal aberto, configurando um fenômeno de sucesso entre as crianças pequenas.

Nosso estudo se localiza em uma perspectiva pós-crítica que sob influência da virada lingüística, percebe a linguagem como central na disputa e na constituição das identidades dos sujeitos. Entendemos como Costa (2004), que o discurso institui realidades, funda referenciais e contém efeitos de verdade. As músicas infantis são aqui entendidas como potentes discursos que imprimem e reforçam significados particulares sobre ser homem e ser mulher.

Para melhor compreensão do tema, este trabalho divide-se em três seções mais as considerações finais. Na primeira seção apresentamos brevemente a concepção de gênero que estrutura esta análise e os modos de ser menino e de ser menina na contemporaneidade; a seguir contextualizamos o espaço da educação infantil e a importância da música nesse contexto; e na terceira seção realizamos uma análise inicial das letras das músicas, buscando identificar noções e formas de ser feminino e de ser masculino. Por fim, apontamos algumas considerações decorrentes das análises empreendidas no corpo do trabalho.

Gênero: uma categoria de análise

A partir dos estudos de Joan Scott (1990), iniciamos esta escrita problematizando gênero como uma categoria de análise das relações sociais entre os sexos. Consonante com essa perspectiva entendemos que gênero não é fator determinante da sexualidade nem tão pouco unicamente determinado pelo sexo, mas sim “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”(SCOTT, 1990, p.07). Faz-se necessário para esta análise compreender gênero como as diferenças nas relações entre homens e mulheres, produzidas cultural e socialmente dentro de um espaço e tempo determinados. Somos homens e somos mulheres, nos construímos como tal, desde o lugar em que vivemos, o tempo histórico no qual nos localizamos, e ainda na perspectiva da sociedade e da cultura na qual estamos inseridos.

Começamos a aprender sobre quem somos desde o momento em que nascemos e essa aprendizagem, principalmente ligada às noções de gênero, não se limita a responsabilidade de uma única instituição social. A sociedade busca através de múltiplos discursos, construir-nos como “sujeitos pertencentes a uma identidade de gênero”. (RAEL, 2007, p. 160). Entretanto, somos sujeitos múltiplos, mutáveis e inacabados, nossas identidades não são tão fixas e

rígidas como supúnhamos. Ao contrário, cotidianamente empreendemos negociações entre diferentes discursos, advindos de também diferentes referenciais, que buscam nos cooptar, que disputam nossas subjetividades, tentando nos conformar a estereótipos de maneira muito particular.

Nessa direção, podemos afirmar que as representações de gênero presentes na contemporaneidade são resultado de construções culturais do que é ser homem e do que é ser mulher negociadas ao longo dos séculos. O mundo se transforma, os papéis dos sujeitos são revisitados e reinscritos em novas conjunturas e os referenciais de gênero sofrem modificações. Podemos considerar vários avanços no que diz respeito, por exemplo, a disseminação de um referencial feminino mais participativo e atuante a partir do século XX. De outro lado, podemos também afirmar que, a identidade de gênero de um sujeito, pelos padrões atuais de nossa sociedade, ainda está, em grande medida, atrelada ao biológico. São as continuidades e descontinuidades presentes neste amplo processo de disputa entre as representações identitárias dos sexos.

Considerando a forte influência do biológico, ainda em nossos dias, percebemos que mesmo antes de nascer um bebê do sexo feminino está cercado de representações e expectativas acerca do gênero que lhe é imposto. Há um universo de noções de sobre como será essa menina. Os pais imaginam que ela irá praticar balé, que usará roupas cor de rosa, que será delicada e melindrosa, que será sensível, que terá um parceiro fixo (namorado ou marido), entre outros. Enquanto que, de um menino é esperado e cobrado o extremo oposto; será forte, seguro, imponente, jogará futebol, terá muitas conquistas amorosas, enfim, estabelece-se todo o referencial da virilidade masculina. Perpassam estes pressupostos regimes de verdade que vão delineando as fronteiras entre os gêneros a partir de um sistema de oposição. Nessas condições, é possível inferir que o masculino é construído em oposição ao feminino.

O que importa ressaltar é que mesmo em um tempo dinâmico, de intensas mudanças, de práticas sociais revistas, de novos referenciais instaurados, os regimes de verdade sobre ser menino e ser menina descritos no parágrafo anterior ainda fazem eco e disputam as subjetividades dos sujeitos. Mesmo que as mulheres hoje estejam presentes em espaços públicos reconhecidamente masculinos; ainda que desempenhem tarefas consideradas não apropriadas ao sexo dito frágil; ainda que representem uma força de trabalho expressiva em nossa sociedade; ainda que sejam os denominados cabeças de família ocupando-se integralmente das responsabilidades de sustento e manutenção do lar; ainda que acumulem

jornadas de trabalho; ainda assim as relações contemporâneas não se fazem generosas com o feminino e reafirmam a supremacia masculina cotidianamente.

Ao que tudo indica há muitas esferas das relações humanas nas quais as mulheres não conseguiram ultrapassar os limites em que foram inscritas em termos de identidade de gênero. Um exemplo claro da permanência desta condição se refere ao comportamento sexual. Há espanto ao se ouvir declarações sobre preferências sexuais descritas por uma mulher. Causa estranheza o fato de uma mulher declarar que gosta de fazer sexo, pelo que se infere que tal sentimento não é adequado ao perfil feminino. Os homens, por sua vez, continuam habitando a condição oposta em que a afirmação de sua masculinidade esta intimamente vinculada à intensidade de sua vida sexual.

Não pretendemos vitimizar ou culpabilizar, as mulheres e os homens, não se trata de estabelecer polarizações, mas sim, identificar os discursos em seu esforço para demarcar territórios, comportamentos e práticas que continuam afirmando diferenças que reforçam preconceitos e discriminações em relação aos gêneros. Nosso interesse é encontrar possibilidades de como afirma Louro (2000), buscar questionar, desconstruir as práticas discursivas que reforçam as polaridades dominação/submissão, dominado/dominador, rever estes lugares apontando sua pluralidade e diversidade, já que entendemos como a autora citada que a construção das identidades femininas contém e supõem o masculino e vice-versa.

É na direção destas problemáticas presentes em nossas relações contemporâneas que estivemos nos questionando acerca dos diferentes discursos que desde a mais tenra idade disputam as subjetividades de meninos e de meninas, convergindo para a constância de certos pressupostos sexistas. Encontramos na Educação Infantil um território interessante para nossa investigação e atentamos, especialmente neste ensaio, para a relação das crianças pequenas com a música e com o conteúdo destas reiterando idéias sobre a condição de ser homem e de ser mulher.

As inferências aqui produzidas servem para que possamos verificar a necessidade de problematizar junto aos sujeitos escolares as verdades expressas pelas cantigas. De maneira alguma, entendemos que é preciso descartar tais canções negando o seu papel histórico dentro do universo infantil. Mas pensamos que as músicas podem ser reescritas, problematizadas, podem ser mote para que desde pequenas as crianças possam pensar desde outros padrões, encorajando-as a perceber as relações entre gêneros como um território a ser permanentemente reinventado.

Ser menina, ser menino...

Os modos de ser menino e de ser menina na contemporaneidade trazem a peculiaridade de serem constantemente interpelados pelas produções da mídia e pela cultura do consumo. Os estudos no campo do gênero apontam que os padrões sociais de comportamento feminino e masculino vêm sendo forjados por uma cultura da mídia (KELLNER, 2001; COSTA, 2004). Neste sentido, conforme afirma Giroux (2003), a mídia fornece legitimidade a determinados tipos de sujeitos através de padrões e normas estabelecidas em suas veiculações. As representações ligadas ao gênero feminino estão, em sua grande maioria, determinadas pela superação dos vários papéis os quais as mulheres assumem em tempos atuais, ou seja, uma mulher deve ser mãe, trabalhar o dia todo, ser esposa dedicada, manter-se jovem e bonita e ainda desejável ao seu parceiro. Quanto as representações masculinas, versam sobre o sustento do lar e a atividade sexual. Um homem deve ser o provedor do lar, dar conforto a sua família e ainda ser potente sexualmente para sentir-se um verdadeiro homem, a semelhança com o padrão de masculinidade de séculos anteriores não é mera coincidência.

As crianças têm acesso a essas representações diariamente, afinal não estão isoladas do mundo dos adultos, mas em constante interlocução com ele. Outro ponto fundamental nessa perspectiva é o de que os perfis de feminino e masculino estão também nos filmes, desenhos animados, músicas, sites e jogos infantis. Essas demarcações de papéis são sutis, pouco perceptíveis, ao olharmos de relance ou simplesmente ignorarmos seu conteúdo detendo-nos apenas nas imagens coloridas, mas, as normas e moldes de comportamento estão lá, são discursos a disputar as subjetividades. Há que se considerar, entretanto, que as crianças não estão passivas a essas representações, estão em constante exposição a elas, as reconstroem, estabelecem diferentes significados, invertem sua lógica e adaptam essas produções a sua própria cultura.

Bauman (2008) afirma que a cultura desse tempo, que é líquido, é ditada pelos padrões do consumo. A cada dia uma nova mercadoria é lançada e a necessidade de ter é reforçada a todo instante, em uma sociedade que convoca seus membros na condição de consumidores. As culturas da infância e as representações do que é ser menino e do que é ser menina nesse tempo estão também interpeladas por essa cultura do consumo. Segundo Bauman (2008) vivemos um tempo da descartabilidade de produtos, de volatilidade, efemeridade nas relações com os produtos e com os sujeitos dessa sociedade de consumidores.

As premissas de gênero estão também impregnadas por essa lógica. A descartabilidade das relações entre homens e mulheres, a efemeridade com que se travam as relações com o

corpo (seu e do outro). Destaca-se, porém, que mesmo dentro de uma lógica consumista as práticas sociais ainda carregam traços da supremacia masculina, fortemente presente em tempos anteriores. Devemos esclarecer que vivemos ainda uma sociedade patriarcal, onde a organização do espaço e das relações sociais se dá a partir do ponto de vista masculino, branco, de classe média.

Essa organização se dá de forma a manter um padrão de superioridade masculina, mesmo em um tempo onde as mulheres adquirem cada vez mais espaço em diversos âmbitos sociais, principalmente no mundo do trabalho. Há que se problematizar essas construções, discutir e rever as formas como ocorrem as relações entre os gêneros.

Educação Infantil: um espaço formativo

De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) esta se constitui como espaço de socialização entre crianças e adultos advindos de diferentes ambientes sócio, econômicos, culturais e étnicos, proporcionando, conseqüentemente a convivência com diferentes hábitos e valores. Neste documento ainda é expressa a ideia de que a Educação Infantil é um dos espaços onde a criança é apresentada a padrões éticos e morais da sociedade em que vive. A Educação Infantil é um dos primeiros espaços de socialização da criança fora do ambiente familiar. Considerando-se que essa criança passa no mínimo quatro horas diária na instituição escolar, pode-se inferir a influência das vivências neste espaço na constituição do ser e do fazer infantil.

O espaço da Educação Infantil enquanto estrutura física é pensado para as peculiaridades da infância, desde o que se refere ao mobiliário da sala de aula até as demais dependências da escola. A organização das salas deve ser pautada pela premissa de constituir-se como um espaço confortável e descontraído diferente das salas de aula tradicionais, considerando-se o público específico a que se destina.

O tempo na Educação Infantil também se diferencia em termos de organização dos outros níveis de escolarização. Este é utilizado de forma a proporcionar atividades prazerosas e lúdicas às crianças, permitindo a elas tempo para brincadeiras livres, visando seu desenvolvimento integral e principalmente respeitando o tempo de cada uma (RCNEI, 1998).

A música está presente constantemente na vida do ser humano. Desde a mais tenra idade, estamos em contato com diferentes melodias, as que embalam o sono do bebê, as que ensinam as primeiras noções de higiene entre tantas outras que trazem conteúdos pedagógicos que buscam ensinar algo a criança. A música no espaço da Educação Infantil é fator

motivador para uma aprendizagem lúdica, além de ser uma forma prazerosa de entretenimento. Todavia, assim como buscamos nessa análise, devemos problematizar os conteúdos e demarcações que as canções expressam.

Torna-se importante levar em consideração que toda ação da criança, desde o brincar sozinho ou em conjunto, com outras crianças e/ou adultos, até ouvir histórias ou músicas é fonte de conhecimento de si e do mundo. Através da brincadeira simbólica a criança recria o mundo que a cerca, criando sua própria visão da “realidade”. Ao ouvir histórias ou músicas ela assimila e reconstrói conceitos e padrões da sociedade, construindo suas identidades (de gênero, de etnia, de religião, sexual entre outras).

As identidades são construções sociais e culturais. São espaços de disputa, que não estão fechados nem acabados. Ao contrário estão em constante interferência por diversos discursos que nos disputam e nos interpelam, na busca de constituir um determinado tipo de subjetividade. O objeto em análise enquanto artefato cultural, amplamente divulgado, está nessa disputa, suscitando quem são, como são e como devem ser os meninos e as meninas na contemporaneidade.

Achados e inferências

“A linguagem faz parte de um conjunto amplo de práticas culturais as quais produzem discursos e saberes e ao mesmo tempo são produzidos por eles” (SABAT, 2001.p.19). Quem e como somos, é uma construção da linguagem, nessa perspectiva construímo-nos na relação com o outro, como aquilo que não somos. Entender-me como mulher não se restringe apenas a assumir características ditas femininas, mas também renegar características ditas masculinas. O espaço de constituição das identidades não é fechado ou único, mas está em constante disputa por diferentes discursos e práticas sociais, que através dos significados e representações que constituem sistemas simbólicos atribuímos valores e significamos às nossas experiências e conseqüentemente à aquilo que somos (WOODWARD, 2011). Somos constituídos no interior das relações com o outro, nas condições históricas e sociais de nosso tempo.

As análises empreendidas a seguir não têm por intuito dizer de um conteúdo, implícito ou escondido no interior de cada frase ou estrofe, ao contrário busca dar visibilidade a aquilo que está dito, mas carregado de outros discursos e significados que demarcam um jeito de ser menina e de ser menino em nossa sociedade. Partindo dessa premissa, iniciamos o processo de análise desses artefatos culturais na escuta de cada uma das canções e na leitura da letra.

Uma escuta atenta, ao ritmo, as pausas e as mudanças de entonação nos trechos que se quer enfatizar, a forma como é estruturada a escrita, a escolha das rimas entre outros, a fim de identificar os processos de disputa da subjetividade infantil no que tange as relações de gênero. A partir dessa primeira análise identificamos as músicas onde as questões de gênero são mais presentes. São elas: “A galinha pintadinha e o galo carijó”, “Pombinha Branca”, “Fui no tororó”, “Os indiozinhos” e “Marcha Soldado”. Na sequência de nossos estudos acerca de artefatos culturais da infância pretendemos um estudo mais criterioso sobre os vídeos e demais cantigas que compõe o CD e o DVD.

As três primeiras canções citadas versam sobre casamento, tarefas domésticas, modos e comportamentos femininos. As duas últimas músicas trazem em seu título fortes indícios de que seu conteúdo é referente a meninos, ou melhor, ao masculino, inferência que se confirma ao lermos as letras das canções. A partir dessa primeira análise, busquei categorizar as músicas em duas categorias: “coisas de guria” e “coisas de guri”.

Ao distinguir as duas categorias dessa análise, nos referimos às falas dos pequenos. Pudemos perceber, em nosso contato com diferentes escolas de Educação Infantil, muito presente nos diálogos das crianças afirmações como: “Isso é coisa de guria!” ou “Isso é coisa de guri!” para excluir ou prevenir a criança do sexo oposto de um comportamento inadequado ao gênero que lhe é relegado. Destacamos ainda os vocábulos “guria e guri”, característica cultural do universo do Rio Grande do Sul, para se referir aos meninos e as meninas.

Ao analisar as letras das canções, destacamos os discursos mais reiterados acerca das identidades femininas e masculinas. Foi-nos possível identificar que o masculino e o feminino são rivalizados ao extremo. Ao logo do processo de análise o que primeiro nos chamou atenção foi o reforço de uma norma heterossexual, onde os casais são sempre formados de um homem e uma mulher. Outro dado que é significativo, já na primeira fase da investigação é uma constante afirmação da necessidade feminina de construir-se enquanto parceira de alguém, companheira de um homem, correndo o risco de não ser uma mulher caso não atinja esse objetivo. Por esse discurso perpassam diversas noções como a da maternidade a da vulnerabilidade feminina, a da necessidade de apoiar-se afetivamente e até financeiramente em um parceiro. Esse pressuposto afirma um modelo de mulher, como alguém que é naturalmente frágil e instável, necessitando de um parceiro, um homem, centrado e bem resolvido, para apoiá-la, à fazer dessa criatura indefesa e insegura uma mulher “bem sucedida”.

A demarcação das coisas de guria e das coisas de guri aparecem nas cantigas desde a narrativa sobre os comportamentos diferentes que marcam cada um dos gêneros, até a forma

como devem aparentar uma identidade de gênero específica. As músicas falam de um feminino e um masculino que pode ser facilmente identificado. Há, por exemplo, um reforço do sentido de ser homem ou mulher centrado na forma de vestir dos personagens das cantigas. Como diz a cantiga:

*“A galinha pintadinha e o galo carijó
A galinha usa saia e o galo palito” (A galinha Pintadinha e o Galo Carijó)*

No trecho da música há uma clara indicação de que roupa de guria é saia e de guri é paletó. Desconsidera-se a possibilidade de em outras culturas homens utilizarem peças semelhantes a saias, um exemplo são os kilt's, utilizados pelos escoceses. De outra forma às mulheres vão sendo construídas como a imagem da vestimenta que compreende o uso da saia, entendendo que ao usar calças, por exemplo, a menina pode correr o risco de ser confundida com um homem. Essa disputa em relação a fixar o tipo de roupa adequado a cada gênero, a roupa como fator de localização do sujeito em termos de identidade de gênero é muito presente em nossa sociedade expondo e constringendo os sujeitos a partir do visual que apresentam. É comum nas turmas de Educação Infantil, associado ao estilo da roupa, as crianças determinarem o gênero a partir do corte de cabelo que o sujeito usa. Cabelos compridos são próprios de mulher, cabelos curtos mais adequados aos homens. As crianças em diversos momentos utilizam-se destes padrões de vestuário e de estilo vinculados ao feminino ou ao masculino como forma de ofensa ao outro que apresenta-se de maneira diferente ao olhar padrão. São frequentes as queixas sobre um menino estar sendo chamado de menina ou vice e versa em função da roupa ou do cabelo que apresenta. Isso evidencia o potencial do estilo de ser e de vestir na disputa das subjetividades no que diz respeito à identificação de gênero por entre os pequenos.

Outro enunciado presente no discurso da música refere-se à questão da roupa escolhida para referenciar o padrão usual de vestimenta masculina. O uso do paletó evidenciando a roupa masculina mais adequada remete ao homem de sucesso, pertencente a uma classe social mais abastada e pode não lembrar em nada os homens com os quais as crianças convivem. Há uma clara força de verdade que situa o homem de paletó, como o masculino bem sucedido de nossa sociedade.

*“Oh Mariazinha, Mariazinha
Entrarás na roda ou ficarás sozinha
Sozinha eu não fico nem ei de ficar*

Pois eu tenho o Joãozinho para ser meu par” (Fui no Tororó)

*“Pombinha branca o que esta fazendo
Lavando roupa pro casamento [...]
Passou um moço de terno branco
Chapéu do lado meu namorado” (Pombinha Branca)*

Os trechos que destacamos da canção “Fui no tororó” e “Pombinha Branca”, fazem alusão aos comportamentos adequados e esperados de uma mulher. Há a ameaça de ficar sozinha caso “Mariazinha” não “entre na roda”, do que podemos inferir que a solidão, o estar sem um companheiro constitui um castigo aquelas mulheres que não cedem “a roda”, as que não se adaptam aos costumes, as que não seguem as regras. O bem comportar-se, o “entrar na roda”, adequando-se ao modelo padrão do ser mulher pode garantir que a menina encontre o seu parceiro que a reconhecerá como verdadeiro exemplar da espécie feminina. Essa ameaça coaduna-se com outros enunciados sociais de bom-mocismo vinculadas às mulheres que passam a conviver, permanentemente, com a perspectiva de estarem sempre necessitando demonstrar uma boa conduta para serem merecedoras da atenção e da parceria de um homem. Mais tarde, as meninas encontrarão esses mesmos enunciados em outros artefatos culturais como as revistas femininas reforçando a condição de dependência da mulher. São inúmeras as matérias publicitárias, entrevistas com especialistas, reportagens, relatos de experiências, que veiculam as maneiras mais adequadas de se conquistar um homem, de manter o casamento, de inspirar confiança nos chefes, enfim, novas formas de reiterar a mesma verdade acerca das mulheres na relação com os homens.

O trecho da cantiga “Pombinha Branca”, aponta a tarefa doméstica como o espaço de atuação feminina, seguida da idéia do casamento. Mais uma vez percebemos a indicação de que ficar sozinha não é uma coisa boa, e que é preciso adequar-se as regras do jogo para não correr o risco de ficar sozinha. Nesta passagem da música a regra é o exercício do papel de dona de casa, daquela que se compromete com a lida doméstica. Entende-se a partir dessas duas canções que para uma mulher é muito difícil viver só. É também penoso e triste viver sua vida sem estar atrelada a um lar, aos filhos, ao marido, enfim a diversas amarras sociais, não é facultado à possibilidade de ficar só sem ser constrangida pela perspectiva da infelicidade existencial.

No que tange ao papel da mulher na relação com os homens as cantigas analisadas afirmam o tradicional perfil de cuidadora advindo do referencial mariano tão apregoado em nossa cultura cristã. Cabe as mulheres, mães em potencial, desenvolverem a paciência, a

abnegação, preparando-se para cuidar do outro, que pode ser o seu marido ou os seus filhos. Dos homens espera-se um comportamento menos adequado em relação as regras de bom comportamento, sendo que as mulheres, devem procurar relativizar a conduta masculina, compreendendo que os homens são naturalmente menos cuidadosos em seus comportamentos. Espera-se que, nesse sentido, as mulheres possam interceder positivamente, recuperando os homens, educando-os, cuidando-os. O trecho a seguir denota bem esse papel de condutora dos homens no que tange aos comportamentos sociais:

*“Mandei entrar, mandei sentar
Cuspiu no chão
Olha aí seu porcalhão
Tenha mais educação”* (Pombinha Branca)

Ainda sobre a forma como o papel de cuidadora vai sendo construído relacionado ao perfil feminino identificamos o trecho a seguir em que o comportamento masculino de não envolvimento com as questões domésticas é reforçado.

*“A galinha ficou doente e o galo nem ligou
Os pintinhos foram chamar o seu doutor”
(A Galinha Pintadinha e o Galo Carijó)*

Ocupar-se das questões da casa, dos afazeres domésticos, dos encaminhamentos junto aos filhos constitui tarefa das mulheres, na cantiga nem mesmo adoecendo a personagem mobiliza a ação do masculino. Na impossibilidade da mãe tomar atitude e resolver a questão da enfermidade, são os filhos que o fazem. Mesmo que no atual contexto os homens estejam reinscrevendo a paternidade em uma nova dimensão, ainda há a expectativa da mãe como a figura que cuida das problemáticas do lar.

Em relação às cantigas categorizadas como portadoras de “coisas de guri” há toda uma reiteração da força e da coragem como elementos naturais da vida masculina. Reforçando a ideia da proteção do lar, da segurança que o homem deve fornecer a sua família, muito arraigado nas práticas de nossa sociedade. Ao dizer que o homem é forte e protetor, delineia-se à mulher o papel de frágil, de desprotegida, de alguém que necessita da segurança, de proteção, e de um homem que lhe proporcione essas condições.

No trecho a seguir os índios da música vivem uma aventura, correm riscos, passam por desafios e vencem, não há lugar para meninas no bote:

*“10 num pequeno bote
Iam navegando pelo rio abaixo
Quando um jacaré se
E o indiozinho olhou pra baixo*

O bote quase virou.” (Os indiozinhos)

Os homens são interpelados por este discurso de masculinidade e sofrem a pressão de responder ao modelo viril da força, da superação. Não há lugar para medo, para ansiedades, dúvidas, inseguranças. Essas são características femininas e por o serem, se algum menino as demonstrar pode ser imediatamente tachado de menina. Os meninos constroem-se dentro deste modelo e passam a desenvolver uma autoexigência em relação a corresponder às expectativas do universo masculino. A música “Marcha Soldado” cujo personagem é masculino também procura enquadrar o comportamento dos meninos em relação a obediência, além de reforçar a hierarquia militar – o soldado tem cabeça de papel:

*“Marcha soldado cabeça de papel
Quem não marchar direito
Vai preso no quartel
O quartel pegou fogo
São Francisco deu sinal
Acode, acode, acode a bandeira nacional”*(Marcha soldado)

Este é um primeiro exercício analítico que nos possibilitou construir inferências acerca das formas como o discurso das cantigas investe de sentidos e de significados o ser homem e o ser mulher disputando as subjetividades das crianças. O espaço da Educação Infantil apresenta-se como campo fértil para iniciar a problematização dessas questões tão fortemente introjetadas nesta sociedade.

Algumas considerações

As formas de ser homem e ser mulher na sociedade atual são construções históricas, cultural e socialmente localizadas, que evidenciam um padrão social de comportamentos e modos de ser masculinos e feminino. As demarcações de um e de outro nascem das diferenciações e aceitação de um como o oposto do outro, portanto o masculino constrói-se a partir da ideia de oposição ao feminino, entretanto admite-o como parte de si.

As noções que buscam fixar sentidos de gênero estão difusas em diversos discursos que permeiam nosso dia-a-dia. Essas noções tem o principal objetivo demarcar os papéis de homens e mulheres, conforma-los de acordo com as normas dessa sociedade. As músicas e outros produtos audiovisuais estão impregnados desses elementos, que dizem às crianças quem são, como devem ser, e o que fazem homens e mulheres.

Pudemos identificar através das análises das músicas infantis que as principais características que demarcam o ser feminino nas canções em análise dizem sobre o mundo doméstico, o cuidado e o casamento, faculdades naturalmente femininas de acordo com esses pressupostos. No que diz respeito, ao masculino as representações estão ligadas a coragem, ao posicionamento de liderança e bravura, características inerentes ao gênero masculino, novamente há um reforço da naturalidade ligada às noções e representação de gênero.

Por fim, não pretendemos esgotar essa temática, nem tão pouco é intenção deste trabalho fazer juízo de valor sobre as músicas e as representações de gênero presentes nelas, mas ensaiar problematizações sobre as noções de gênero que interpelam as crianças diariamente e dizem sobre o mundo e as regras da sociedade, buscando fixar comportamentos e formas de ser homem e mulher. Há muito a ser feito, existe um longo caminho para ser percorrido no que tange as problematizações de gênero junto às crianças de Educação Infantil. Questionar os pequenos acerca das posições que cada personagem ocupa na canção ou no desenho animado e buscar problematizar as repostas apresenta-se como uma alternativa bastante produtiva. Salvo que essas problematizações de vem ser feitas de modo a permitir que os pequenos cheguem a suas próprias conclusões sobre as representações e papéis sociais de mulheres e homens.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo**. A transformação das pessoas em mercadorias. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIROUX, Henry. **Atos Impuros**: a prática política dos estudos culturais. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artemed, 2003.

KELLNER, Douglas. Beavis e Butt-Head: Sem futuro para a juventude pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KNACHELOE, Joe (orgs.). **Cultura Infantil**: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 133-159.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto, PT: Porto Editora, 2000.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos Desenhos da Disney. *In*: LOURO, Guracira Lopes; FELIPE, Jane & GOELLNER; Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SABAT, Ruth. **Quando o cinema ensina sobre gênero e sexualidade**. Proposta de tese de doutorado. UFRGS: Porto Alegre, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto alegre, vol. 20, nº2: 71-99, 1995.

VEIGA – NETO, Alfredo. **“Foucault & a Educação”**. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.